provincias, afluxo de metal nos centros urbanos “industriais”) o empobrecimento na França é patente, agravado pela estagnação relativa da produtividade agrícola.

Enfim,

“ni’révolution démographique’, ni’révolution agricole’... Un siècle disjoint... Mais disjoint de l’avenir, le XVIIIe siècle est conjoint au passé” (p. 334).

Historiador mais que demógrafo, Morineau não nos convence inteiramente, nas suas análises quantitativas, sobre a problemática da “Revolução Demográfica” em França do século XVIII. O maior mérito da obra é, sem dúvida, sua intenção iconoclasta das idéias facilmente aceitas. No caso, a desmistificação da existência de transformações amplas, “modernizadoras” — *demográficas e agrícolas* — da França setecentista.

Mas a análise demográfica sofisticada e mais profunda sobre a real dinâmica populacional francesa — como um todo — durante o século XVIII continua por ser feita. Sem dúvida alguma a resposta às questões sobre a “Revolução Demográfica” de França nos será brevemente oferecida com a publicação dos resultados da grande pesquisa empreendida pelo INED, e dirigida por Louis Henry, sobre a população francesa dos séculos XVII e XVIII (*).

MARIA LUIZA MARCÍLIO

* * *

BEHRENS (Hedwig). — *Mechanicus Franz Dinnendahl (1775-1826) — Erbauer der ersten Dampfmaschinen an der Ruhr*. Koeln. Rheinisch-Westfaelisches Archiv. 1970. 579 págs..

O volume 22 da série *Schriften zur Rheinisch-Westfaelischen Wirtschaftsgeschichte*, com a costumeira impecável apresentação, surge como uma importante coletânea de documentos concernentes aos primórdios da industrialização alemã. A título de introdução, o prof. H. Kellenbenz nos proporciona uma visão da obra de Dinnendahl, situando-a no panorama da história européia sua contemporânea. As novidades técnicas postas em prática na Grã-Bretanha durante a segunda metade do século XVIII não tardaram em repercutir na Alemanha, levando Karl von Stein a visitar o país, já em 1784, quando Watt e Matthew Boulton construíam sua primeira máquina a vapor. Só em 1798, todavia, foi o primeiro engenho desta natureza, importado da Inglaterra, empregado na Alemanha. Logo depois, o regime

(*) . — Artigos publicados constantemente na revista *Population* (Paris) e nos *Annales de Démographie Historique* nos informam sobre os métodos e avanços da pesquisa.

napoleônico, forçando a uma interrupção dos contactos com os britânicos, correspondeu a um retardo na industrialização, já bastante desfavorecida pelas condições anteriores ao estabelecimento do *Zollverein*. Os pioneiros, entretanto, não desanimaram, a começar por F. Harkort, com suas "oficinas mecânicas" instaladas em 1818, F. Haniel e os irmãos Franz e Johann Dinnendahl.

Franz Dinnendahl contribuiu amplamente para a introdução do maquinário a vapor no Ruhr, bem como para a própria construção de máquinas, cabendo a Johann, na mesma região, importantes inovações relativas aos processos metalúrgicos já praticados na Grã-Bretanha. Dos dois, Franz foi a personalidade que se tornou mais conhecida, sendo, inclusive, cantado em duas poesias reproduzidas no volume. Deixou, ainda, uma autobiografia e numerosa documentação sobre sua vida e atividades. Em pleno domínio francês, em 1807, instalara-se em Essen, travando conhecimento com a família Krupp, de cujos filhos foi uma espécie de preceptor. Em 1819, passou a conselheiro municipal, já na fase em que outros entusiastas da industrialização, como Jacobi, Huyssen e Haniel lhe faziam séria concorrência, pondo-o em dificuldades financeiras que não cessaram até sua morte, em agosto de 1826.

Os documentos apresentados assim se classificam: A). — Fontes para a biografia de Franz Dinnendahl; B). — Fontes para suas atividades. Como apêndice, documentos relativos ao seu legado e herdeiros, bem como esclarecimentos (inclusive de vocabulário especializado) para a compreensão dos documentos.

PEDRO MOACIR CAMPOS

* *
*

CESAR (Guilhermino). — *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1969. 231 p.

Estão reunidos no volume 23 documentos (relatos, cargas e informações de viajantes, missionários, titulares de cargos administrativos, soldados e aventureiros) que esclarecem aspectos fundamentais com respeito à formação histórica da comunidade gaúcha. O autor deu preferência aos informantes capazes de sugerir aos curiosos de hoje nova ordem de indagações, tendentes a completar o que se omitiu ou chegou até nós incompleto ou desfigurado. A data dos documentos medeia entre 1605, "momento em que a ação missionária da Companhia de Jesus, partindo da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, alcançou o silvícola das imediações do Rio Mampituba, até 1801, ano em que os rio-grandenses incorporaram as Missões Orientais do Uruguai ao território brasileiro. Nesse período, de quase dois séculos, tomou o Rio Grande a sua feição territorial definitiva, salvo retificações posteriores da linha fronteira, sem maior importância no conjunto".